

FESTA DA MOCIDADE: CONTRIBUIÇÕES E IMPASSES NO SEGMENTO TEATRAL DO RECIFE

Leidson Malan Monteiro de Castro FERRAZ¹
<https://orcid.org/0000-0001-9726-8502>

Resumo:

A Festa da Mocidade foi um festejo popular que ocupava o Parque 13 de Maio, no centro do Recife, do final de 1936 ao início de 1967, com programação diversificada a atrair multidões. Ali se reviveu a febre do teatro de revista. Em diálogo com pesquisadores do gênero e a partir de fontes jornalísticas, este artigo mapeia sua repercussão e lança luz a uma produção cênica à margem dos registros históricos.

Palavras-chave: Festa da Mocidade. Teatro popular. Teatro de revista. Teatro Almare. Teatro de Variedades.

“FESTA DA MOCIDADE”: CONTRIBUTIONS AND CONTRADICTIONS IN RECIFE’S THEATRICAL SEGMENT

Abstract:

“Festa da Mocidade” was a popular celebration that took place in May 13 Park, in the center of Recife, from late 1936 to early 1967, with a diversified program to attract crowds. The magazine theater fever was revived back then. In dialogue with scholars of that theatre genre and from journalistic sources, this article maps its repercussions and sheds light on a scenic production outside the historical records.

Keywords: Mocidade’s Festival. Popular theatre. Magazine theatre. Almare Theatre. Theatre of Varieties.

¹ **Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz** é doutorando em Artes Cênicas pela UNIRIO, Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco e jornalista formado pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: leidson.ferraz@gmail.com.



Mesmo que alguns tenham tentado esquecê-la por conta das polêmicas que levantou na imprensa, quando se trata da história do teatro em Pernambuco é impossível ficar indiferente à Festa da Mocidade, o festejo popular que mais marcou época e gerou acréscimos e entraves junto ao segmento teatral do Recife. Inaugurada a 12 de dezembro de 1936, graças a uma ação de universitários em prol da construção da Casa do Estudante de Pernambuco, no bairro do Derby, a Festa da Mocidade ocupava um espaço diferenciado para a atividade cultural e artística na capital pernambucana, o Parque 13 de Maio, que geralmente ao final de cada ano e início do outro recebia tal evento a atrair multidões por sua programação popular e diversificada, quase sempre a preço bastante acessível.

Naquela década de 1930, Recife já tinha fama pelas suas escolas superiores e grande número de jovens, especialmente do Norte e Nordeste do país, vinha estudar nas faculdades de Direito, Medicina, Engenharia, Farmácia ou Odontologia da capital pernambucana. No entanto, muitos não tinham condições financeiras de arcar com as despesas e dependiam da moradia em repúblicas estudantis. Diante desta problemática, um grupo do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina de Pernambuco resolveu criar a Casa do Estudante Pobre de Medicina, ideia lançada em julho de 1931 na perspectiva de se inaugurar um abrigo em prédio já existente, mas o projeto acabou se concretizando na construção de um novo edifício, mais amplo e com características modernas, em terreno doado pelo governador da época, Carlos de Lima Cavalcanti.

A Festa da Mocidade surgiu para se obter recursos financeiros a este empreendimento, ocupando um amplo espaço no Parque 13 de Maio, espécie de pulmão verde em meio ao concreto e asfalto bem ao centro do Recife, o primeiro parque urbano da capital pernambucana, concebido sob forte influência de paisagistas europeus. A festividade popular, que se prolongou por mais de três décadas, do final de 1936 até início de 1968, tornou-se um dos eventos mais emblemáticos realizados por jovens recifenses, embora a iniciativa privada tenha assumido a organização com o correr do tempo, passando a explorá-la economicamente, inclusive com lideranças político-partidárias se aproveitando da importância da ocasião em busca de visibilidade.

Quase sempre acontecendo numa média de três meses seguidos, entre novembro e fevereiro, o grandioso evento anual promovido pela Casa do Estudante de Pernambuco reunia uma série de atrações nacionais e internacionais, com espaço para divulgar artistas do teatro, do rádio, do circo, da dança e da música, além de blocos carnavalescos, folguedos



populares e representantes dos esportes, em revezamento constante. Tudo isto para agradar a crianças e adultos, dos mais variados estratos sociais, ávidos por diversão. No ano da sua estreia, a I Festa da Mocidade contou com atrações como o Pastoril Canela de Aço, o Maracatu Leão Coroado, blocos e clubes da Federação Carnavalesca de Pernambuco, um campeonato de lutas greco-romana, luta livre e boxe e um pavilhão que exibia peixes elétricos do Amazonas.

Além de fazer funcionar um parque de diversões – seu principal atrativo a cada nova edição – e cinema ao ar livre, foi ainda armado no local um teatro também ao ar livre especialmente para a exibição de variedades. As festas de Natal e Ano Novo para famílias inteiras no Recife mostraram-se, então, ainda mais concorridas. Na programação continuada no início de 1937, os maiores destaques foram as matinês infantis e as apresentações do Teatro Paulista, sob o comando do ator pernambucano Renato Marques, da cantora Maria Alice e da Jazz-Band Acadêmica, além de um Grande Concurso de Passo que iria sortear um automóvel Ford V-8. Toda aquela edição foi dedicada à imprensa – estratégia certa para o evento ganhar ainda mais visibilidade –, com destaque à Rádio Clube de Pernambuco e à empresa Pernambuco Tramways.

Retomada do final de 1937 até início de 1938, a presença da Companhia Jararaca (do artista Luiz Calazans), de espetáculos regionais cômicos, contratada do Rio de Janeiro, deu ainda mais brilho à festividade, com 13 apresentações para o público adulto no espaço Teatro de Variedades. A partir daí, ao final de cada ano, já era impossível não listar nas retrospectivas teatrais que, para além dos palcos mais conhecidos como o do Teatro de Santa Isabel, do Teatro Leopoldo Fróes e até do Cine Encruzilhada, havia também programação cênica na Festa da Mocidade. Na edição 1939, as matinês infantis com sorteio de brindes, além do Parque de Diversões Imperial, instalado ao lado do pólo central, na praça da Faculdade de Direito do Recife, fizeram o maior sucesso, aliados às *soirées* dançantes ao som da Sereia Negra & a Sua Jazz. Já o teatro passou a ter como mestre de cerimônias o ator e comediante Ary Guimarães, integrante do afamado Grupo Gente Nossa.

1. Diversidade

Nos primeiros anos da década de 1940, se os cineteatros dos subúrbios recifenses desapareciam paulatinamente, a Festa da Mocidade passou a ocupar importante espaço para



receber programação também para a meninada no seu Teatro de Variedades, “ao alcance de todas as vistas por mais afastado que se encontre o espectador”, como divulgavam na imprensa. No primeiro mês de 1942, por exemplo, um retumbante sucesso foi a *Tarde do Guri Pernambucano*, com o trampolim de calouros infantis. O evento também destacava o *Presépio Maravilha*, as exhibições de duplas caipiras, de bonequeiros e de comediantes, além da escolha anual da Rainha da Festa da Mocidade e da apresentação do “cantor misterioso”, com prêmio para quem adivinhasse sua identidade.

A *Noite da Cidade*, dedicada ao prefeito Novais Filho, o “amigo tradicional dos universitários”, segundo o jornal *Folha da Manhã* (FESTA..., 4 jan. 1945, p. 9), também foi outro ponto alto da programação popular. A partir de novembro de 1942, celebrando sua 7ª edição em sequência, a Festa da Mocidade continuou a promover matinês infantis, além de manter o Parque de Diversões Shangai, seu mais assíduo contratado, tendo como artistas do Teatro de Variedades as cantoras Maby Daniels e Ivete Ribeiro, as sambistas Aída Bruno e Waldemira, o humorista Salomão Absalão – personagem do ator-mestre de cerimônias Ary Guimarães – e os bailarinos Romero & Navarra. Pastoris e mamulengos também foram apresentados como parte das comemorações do período natalino. Um registro do contexto de tudo aquilo saiu na imprensa em 1963:

Desde aquele longínquo 1936, a Festa da Mocidade aconteceu para marcar na vida universal de Pernambuco um ponto de encontro, todas as noites, entre jovens e velhos e esta missão vem sendo cumprida a contento, ano a ano. Os festejos tradicionais de Natal e Ano Novo têm encontrado no certame estudantil a razão de ser de sua existência. Cada ano que se passa, a Festa da Mocidade vai adquirindo maior número de adeptos, numa prova inequívoca de que tem sabido dar à juventude estudantil de nossa terra aquilo de que ela necessita para seu entretenimento. Quantos romances, noivados e casamentos tiveram início através dos passeios e encontros na Festa da Mocidade! O Teatro de Variedades já trouxe ao Recife o que de mais representativo existe no país no gênero “show” e espetáculo musicado. É esta noção do dever cumprido que tem feito com que a Festa da Mocidade cada vez mais se torne necessária à vida do Recife, principalmente porque, não fôra a realização anual do certame, de há muito teria sucumbido na voragem do tempo a Casa do Estudante de Pernambuco, por falta de recursos para a sua manutenção (ETAPA..., Diário de Pernambuco, 1 jan. 1963, p. 3).

Claro que na esteira de tanto sucesso, outros eventos similares foram surgindo no Recife, a exemplo da Festa da Vitória, em 1944, como também em cidades do interior pernambucano e estados próximos, mas não lograram tamanha longevidade por 31 anos ininterruptos. Dos muitos nomes que por ali passaram, de nacionalidades e variados gêneros artísticos, há desde o sambista carioca Moreira da Silva, divulgador dos sambas de breque no país, e o sanfoneiro Luiz Gonzaga, ainda em início de carreira e mais tarde aclamado como “O Rei do Baião”, até duplas ou conjuntos de bailarinos acrobáticos estrangeiros, como Les



Forest, Les Erc, Andory and Davis, Dorian Sisters, Duran Brothers, Los Colegiales e Pan Yan-Chuin, esta última uma trupe de malabaristas chineses.

Ainda na música, sambistas como Maria Garcia, Mirna Layo, Zaíra Cavalcanti, Flora Matos, Tânia Marques, Maria Aparecida, Andiara Peixoto, Lupe Ferreira, Rosa Lúcia e Lidinéa Maia; cantores como Juan Gonzalez, Miss Elizabeth, Maria Tubal, La Consuelo, Batista Sousa, Dilú Melo, também acordeonista; Anita Otero, Carmem Costa, Ronaldo Lupo, Isaurinha Garcia, Almir Távora, Stelinha Egg, Francisco Carlos, Ataulfo Alves e Suas Pastoras, Neide Maria (do *cast* da Rádio Clube de Pernambuco, com apenas 10 anos), a soprano ligeiro Lourdinha Bittencourt, a orquestra do maestro Guido de Moraes, o sanfoneiro Chinoca e os Pássaros de Prata. Isto sem contar com as duplas de comicidade musical, como Alvarenga e Ranchinho, Cardone & Romanita, Venâncio e Curumba, Dilú e Diná, Walter e Naná e Bob e Wando.

De outras habilidades, há ainda o transformista e imitador de “estrelas” Jan Grande, o argentino Aymond, “o garganta de ouro”, também transformista; Vidondo e Seus Bonecos, Cia. de Cães Amestrados, Mário e Nenzita, a menor dupla do Brasil; o marombista Alêxos, o poeta sertanejo Zé Praxedes, o imitador Januário de Oliveira, o mágico Mr. Justin, o ventríloquo e ilusionista Chaná, a Trupe de Anões, a bailarina Lídia Naldi, os humoristas Tulio Berti e Rosita Rocha (em duo), Ubirajara Moreira e Marreco, Índios Canindés, os balés Eva Stacchino e Naná Martin e os animadores Zé Pipoca, Ary Guimarães e Zé Coió, que se revezavam nas apresentações dos shows. Já em 1948, as sessões no Teatro de Variedades só aumentavam, acontecendo às 20h30, 22h30, 24h30 e três horas da madrugada!

2. Comicidade

Mas foi a partir de 1950 que a programação teatral ganhou um reforço e tanto graças à transferência e consequente ampliação do Teatro de Emergência Almare, que teve que ser demolido por conta do alargamento da avenida Dantas Barreto e foi reconstruído no Parque 13 de Maio. O espaço, originalmente inaugurado em outubro de 1949, em pleno coração do bairro de Santo Antônio, surgiu como alternativa de palco diante da reforma do Teatro de Santa Isabel, prestes a celebrar o seu centenário em maio de 1950, e pertencia ao ator-empresário Barreto Júnior, que conseguiu este feito graças ao industrial Ademar da Costa Carvalho. A intenção era apresentar somente originais cômicos coroados junto ao público, “a preço de cinema”, prometia ele.



A estreia do Teatro Almare no Parque 13 de Maio aconteceu a 27 de outubro de 1950 primando por peças para adultos rirem, como *Onde Estás, Felicidade?*, de Luiz Iglesias, e *A Cigana me Enganou*, de Paulo de Magalhães. Mas ao final daquele ano, em balancete da temporada cênica, o crítico/cronista teatral Isaac Gondim Filho escreveu para o *Jornal do Commercio* (28 dez. 1950, p. 4): “Repertório de comédias ligeiras, sem nenhuma pretensão artística ou literária, e demais a mais, bastante conhecido”. Os ingressos custavam 15 cruzeiros. A 2 de dezembro daquele ano tinha sido inaugurada a XIV Festa da Mocidade e o sucesso era o seu Teatro ao Ar Livre, que passou a contar, de 18 a 28 de janeiro de 1951, com as revistas locais *Folias Carnavalescas 1951* e *Loucuras Carnavalescas*. Prometia-se montagens luxuosas e a participação de “dez infernais garotas” de biquíni, além do Ballet Pigale, Deo Maia, Ademilde Fonseca, Salomão Absalão, Pimentinha, Canelinha e Clautenes.

Foram estas produções que deram o pontapé para uma retomada de sucesso das revistas no Recife, tanto que no dia 7 de dezembro de 1951, ao ser inaugurada a XV Festa da Mocidade, os dois teatros continuavam em funcionamento, o de palco ao ar livre e o outro fechado, o Teatro Almare, tendo agora como maior atração Dercy Gonçalves e Sua Cia. de Revistas Portáteis. A equipe carioca, cujo contrato custou quase 1 milhão de cruzeiros, estreou com *Brotinhos da Fuzarca*, trazendo no elenco 35 componentes, entre atores, bailarinos e “lindas garotas de Copacabana”, além de orquestra com 22 integrantes. Ingressos a 25 cruzeiros, bem salgados, e mais à frente barateados para 20 e 10 cruzeiros.

Na sequência, a turma lançou outras revistas cômicas, *Essa é a Maior!* e *Ó de Penacho!*, sempre atraindo uma multidão de espectadores que se rendia à graça da “mais famosa das famosas atrizes do Teatro Brasileiro”, Dercy Gonçalves, como ela se autodenominava. Foi assim que, a partir da década de 1950, graças à Festa da Mocidade, a capital pernambucana reviveu a febre do teatro de revista com presença maciça de um público variado, numa espécie de retomada do que acontecia nos anos 1920 e 1930 especialmente². Isso porque, além da contratação de grandes companhias visitantes na popular festividade, empreendedores da cena local também se aventuraram a promover espetáculos do gênero

² O decênio 1920 foi bem mais intenso para o teatro de revista no Recife, muito por conta da chegada de importantes companhias dedicadas ao gênero, a exemplo da Companhia Nacional de Revistas e Operetas, do Rio de Janeiro, com o ator Brandão Sobrinho entre suas estrelas; da Companhia Regional, dirigida pelo ator A. [Alexandrino] Rosas; da Companhia Negra de Revistas, com Grande Otelo ainda como um artista menino e dirigido por De Chocolat; e, em maior destaque, pela temporada da francesa Ba-Ta-Clan e da Grande Companhia Espanhola de Revistas e Operetas Velasco, atrações internacionais que chocaram parte do público pela ousadia dos corpos femininos à mostra.



revisteiro, ainda que a época, pelo menos no Rio de Janeiro, já não fosse das melhores. Delson Antunes esclarece no livro *Fora do Sério – Um panorama do teatro de revista no Brasil*:

No fim dos anos 50, o panorama da revista brasileira era melancólico. Ainda havia uma parcela da classe média que prestigiava a música variada, os cenários deslumbrantes e as belas mulheres enfeitadas de plumas e paetês que desfilavam nos palcos dos grandes espetáculos. Porém, a cena permanece sufocada, incapaz de apresentar outros atrativos ao público (ANTUNES, 2004, p. 132).

Outro pesquisador, Salvyano Cavalcanti de Paiva, no livro *Viva o Rebolado!: vida e morte do teatro de revista brasileiro* (1991, p. 611), comenta que já naqueles anos de agonia, a revista no Rio de Janeiro “continuou rastejando como os vermes dos antiquados cemitérios, olhada com a indiferença da elite intelectual e a ignorância das jovens gerações”. Pelo seu viés, tratava-se de um “defunto insepulto”, infelizmente. Mas esta não era a realidade no Recife, vivenciando a reviravolta do gênero em terras pernambucanas. Tanto que depois de Dercy Gonçalves “arrebentar a boca do balão”, como diria ela, com revistas como *Pimenta de Cheiro*, *Posso Entrar Nessa Marmita?* e *Catuca Por Baixo*, já em novembro de 1952, durante a XVI Festa da Mocidade, chegava outra atração carioca, a enorme Companhia de Revistas do Teatro Jardel, dirigida pelo empresário e dramaturgo Geysa Bôscoli.

No elenco, nomes como Joana D’Arc, Rose Rondelli, Virgínia de Noronha, Diana Morel, Paulo Celestino, Cláudio Nonelli, Evilásio Marçal e as “Garotas de Copacabana”. Saudando a equipe, Isaac Gondim Filho constatou no *Diário de Pernambuco* (29 nov. 1952, p. 6): “Durante alguns anos Recife andou esquecido como praça de espetáculos musicados, mas de um tempo para cá temos saído deste esquecimento”. Ainda assim, o crítico/cronista teatral não se esquivou de comentar sobre o uso do espaço no teatro improvisado que se fez na XVI Festa da Mocidade, com as cadeiras dispostas muito próximas umas das outras e espectadores acotovelados. Sobre o trabalho de estreia da equipe carioca, *Vai Levando*, do próprio Geysa Bôscoli, ponderou:

Trata-se inegavelmente de um espetáculo desprezencioso, com uma apresentação à maneira de revista, quadros cômicos e musicais que se desenvolvem em ritmo adequado e agradável, certamente cheios de atrativos para aqueles que apreciam o gênero. A qualidade moral do espetáculo, fato largamente anunciado, realmente não chega a ser um atentado ao pudor público, havendo, entretanto, bastante malícia (GONDIM FILHO, Diário de Pernambuco, 29 nov. 1952, p. 6).

Mas, no correr das sessões noturnas, comentários mais negativos foram surgindo, especialmente pelas mudanças de elenco e perfil dos trabalhos cada vez mais imoral. O



próprio Isaac Gondim Filho não poupou críticas ferrenhas ao que vinha acompanhando por lá e deu o seu aviso:

Tivemos ocasião de assistir às revistas de bolso: Vai Levando, Você é Que é Feliz, Primo!, A Imprensa é Livre, Banana Não Tem Carçoço e Olha a Boa, todas, de um modo geral, mais ou menos com os mesmos atrativos e os mesmos motivos de desagrado: bailados, números musicados, quadros cômicos, coristas bonitas e malícia, ingrediente que não pode faltar ao gênero. Aliás, a propaganda que antecedeu a estreia desta temporada de revistas advertia muito claramente o padrão limpo de moral, padrão este que não chegou a corresponder e que muitas vezes tem sido inteiramente desprezado. [...] Isto o público pode não compreender, mas sente e pode vir, como consequência, a afastar-se dos espetáculos [...]. Um pouco mais de carinho para com a nossa plateia, já hoje digna deste nome por saber distinguir o que é bom e o que é mau (GONDIM FILHO, Diário de Pernambuco, 25 dez. 1952, p. 6).

3. Revisteiros

Em 1953, para uma permanência de 28 dias, a Cia. de Revistas Silva Filho, do Rio de Janeiro, foi contratada para estrear na XVII Festa da Mocidade com um elenco de 40 componentes, incluindo orquestra e participação do Ballet Carlos Lisboa. A inauguração da festa popular se deu no dia 20 de novembro, com a equipe estreado *Chuva de Estrelas*, com destaque para o ator cômico Silva Filho e a vedete Anilza Leoni. Ingressos a 20 e 10 cruzeiros. Na sequência, *Tira o Dedo do Pudim* e *O Negócio é Rebolar*, além da revista infantil de Walter de Oliveira, *O Perereca*. Mas a promessa de avalanche de bom humor foi dada com *Tá na Cara*, que fez sucesso no Teatro ao Ar Livre da festividade acadêmica, seguida da revista de costumes locais *Folias de 1953*, da dupla pernambucana Walter de Oliveira e Nelson Ferreira; além de *Eu Tô Ai...* e *A Hora é Esta*, sempre com ótima receptividade.

Em novembro de 1954, em mais uma promoção da Casa do Estudante de Pernambuco, a XVIII Festa da Mocidade, no Parque 13 de Maio, agora contava com novo sistema de iluminação (possantes refletores de lâmpadas de alumínio) e funcionamento do Teatro Almare com ampliação do palco e instalação de novas poltronas, recebendo a Cia. Carioca de Teatro Musicado. Em destaque especial, a vedete Rose Rondelli e o humorista e transformista Carlos Gil. Entre os trabalhos programados, *Tudo de Fora*, *Ob! Linda Recife!*, *Pernas Provocantes*, *Papai Noel*, *Cadê o Meu?* e *Mulher é Mato*. Enquanto isso, no palco ao ar livre, o *Teatro de Antigamente* apresentava shows e espetáculos de variedades sob o comando dos animadores Salomão Absalão e Zé Coió.

A 10 de novembro de 1955, com apoio do Governo do Estado de Pernambuco, Prefeitura do Recife e Reitoria da Universidade do Recife, ocorreu a inauguração da XIX



Festa da Mocidade. A grande atração teatral foi a Companhia Augusto Ferreira de Teatro Musicado, mais uma de origem carioca, com artistas como Hamilton, o “Vagareza”; André Villon, Suzy Montel, Isa Rodrigues, Maria Quitéria, Gonzalo Cortez e “um conjunto de garotas sensacionais” em peças como *Forró no Limoeiro*, *Mulher Sim*, *Rio Noturno* e *Pequena Notável*. O Teatro Almare, naquele momento, ganhou espaço para acomodar mais de 2 mil pessoas, tanto que passou a receber a Companhia de Revistas Gracinda Freire, nova contratada do Rio de Janeiro.

A estreia se deu com a peça *Quem Comeu Foi Pai Adão*, sem maior alarde. Para o público participar, o Juizado de Menores baixou portaria registrada pelo jornal *Folha da Manhã* (PERMANÊNCIA..., 23 nov. 1955, p. 11): “Não será permitida [no Parque 13 de Maio] a entrada de menores de 10 anos após às 18 horas. A frequência no Teatro é proibida aos menores de 18 anos, os quais não poderão participar dos jogos ali existentes, nem fazer uso de bebidas alcoólicas”. No ano seguinte, quem estreou no Teatro ao Ar Livre da XX Festa da Mocidade, a 23 de novembro de 1956, foi a Companhia de Revistas Walter D’Ávila com o espetáculo *Tem Areia no Bikini*, prometendo humor despido de imoralidades e seguindo com outro cartaz, *Chez Copacabana*. O crítico/cronista Medeiros Cavalcanti pontuou elogios moderados:

Permanece a ausência da pornografia, o que vem quebrar, felizmente, uma lamentável tradição da Festa da Mocidade, que vinha afastando, nos últimos anos, o seu melhor público – aquele que sabe apreciar com mais justiça um divertimento como o que ora nos traz Walter D’Ávila e seus artistas (CAVALCANTI, Jornal do Commercio, 5 dez. 1956, p. 6).

Aos domingos, as crianças podiam desfrutar de vespéral com os artistas dirigidos por Walter D’Ávila e distribuição de prêmios. A revista adulta seguinte, *Nonô Vai na Raça*, não passou em brancas nuvens para o jornalista Adeth Leite, que a elogiou no *Jornal Pequeno* (22 dez. 1956, p. 5), pois havia “atores que provocam o riso espontâneo sem descer à licenciosidade e com um sadio humorismo”. Como novidade, *Broto Só dá Galho!* virou o ano e adentrou 1957, sem maior vibração em cena. Por sinal, abordando a indecência nas revistas do Rio de Janeiro, Medeiros Cavalcanti comentou no *Diário da Noite* (2 jan. 1957, p. 6): “Não podemos, com efeito, prescindir numa revista musical da exibição de mulheres seminuas e da presença da malícia em um ou outro quadro. Mas perfilhar o cru e apresentar a imoralidade no palco é que não pode ser”.

A 4 de janeiro de 1957, a Companhia de Revistas Walter D’Ávila apresentou *Chá Para Três* e já anunciava para o próximo dia 10, *Folias de 1956*. Medeiros Cavalcanti pôde valorizar



bem mais este sétimo espetáculo da equipe, principalmente por ser “um produto local”, assinado por Walter de Oliveira e o maestro Nelson Ferreira, encerrando “com chave de ouro uma temporada que, se não foi tão brilhante como se esperava, teve a seu favor a limpeza moral dos espetáculos”, segundo escreveu no *Jornal do Commercio* (15 jan. 1957, p. 6). A próxima equipe carioca a ocupar o Teatro ao Ar Livre da XX Festa da Mocidade, estreando a 30 de janeiro de 1957, foi a Companhia de Revistas Geysa Bôscoli, voltando à capital pernambucana.

Em face das despesas de contratação para essa temporada tipicamente carnavalesca até 24 de fevereiro, o valor do ingresso para acesso à Festa da Mocidade aumentou aos rapazes, agora a 10 cruzeiros, ficando pela metade do preço para crianças até 14 anos, mulheres e estudantes com identificação. No repertório em que brilhavam a atriz e cantora Aracy Côrtes, o comediante Tiririca e a bailarina Marlene Adamo, *Quem Pode... Pode!* e *Está em Todas* foram friamente recebidas pelo público recifense, segundo opinião de Medeiros Cavalcanti:

*Geysa Bôscoli trouxe bom material humano; bom guarda-roupa; bons auxiliares; a orquestra que agora se ouve é muito melhor; as partituras estão bem cuidadas e há zelo em tornar a música intimamente adaptada ao espetáculo; vê-se que todos estão ensaiados a rigor; tudo corre sem hesitações, com agradável segurança; mas o público nem aplaude como aplaudia, nem ri como ria há semanas atrás. Que se passa? [...] Falta sal (CAVALCANTI, *Jornal do Commercio*, 10 fev. 1957, p. 6).*

Vieram ainda as revistas *Terra do Samba* e *Bota Frevo Nesse Samba!*, com esta última prestando homenagem ao maestro Nelson Ferreira e ao seu grande sucesso para o carnaval daquele ano, o frevo *Evocação*. Mas quem despertou realmente interesse, ao final do mês de novembro, foi a Companhia de Revistas Colé Santana, chegando ao Recife pela primeira vez graças ao patrocínio da Pepsi Cola. Estreou no “teatrinho” da XXI Festa da Mocidade com *Eu Vou Para Maracangalha*, seguida de *Gostei Demais*, todas impróprias até 18 anos e com destaque à vedete Lílian Fernandes e aos cômicos Colé, Evilásio Marçal e Zé Préa. Adeth Leite aproveitou aquele momento e fez uma longa apreciação sobre a mudança de perfil dos espetáculos revisteiros que a Festa da Mocidade vinha recebendo, para melhor:

*Geralmente para aqui se traz o rebotalho; o que está encalhado no Rio é contratado para “fazer o Norte” [...]. A rigor, as companhias de revistas têm sido trazidas ao Recife pela mão da direção da Festa da Mocidade. [...] Do ano passado para cá, foi iniciada uma nova era no gênero. A coisa começou com o ator Walter d’Ávila nos trazendo comicidade limpa, sem recorrer à imoralidade para provocar o riso ou a gargalhada espontânea. Seguiu-se o empresário Geysa Bôscoli, com a sua Companhia de Teatro de Bolso. Agora, aí está o ator Colé com a sua revista Gostei Demais, [...] bons momentos para bilaridade, e o “sal” de muitas sequências passa despercebido com a homogeneidade do restante do espetáculo (LEITE, *Diário de Pernambuco*, 1 dez. 1957, p. 23).*



4. Licenciosidades

No “teatrinho” da XXI Festa da Mocidade, ao ar livre, a Companhia de Revistas Colé vinha fazendo sucesso desde 6 de dezembro de 1957 com *Gente Bem & Champanbota*, divertida crítica ao café-*society*, que ganhou uma enxurrada de elogios de Adeth Leite no *Diario de Pernambuco* (8 dez. 1957, p. 23), exatamente por ser uma “revista leve, moderna, com uma espécie de enredo, isto é, um bom entrosamento de continuidade nas sequências, com boa música, magnífico jogo de luzes e um bom guarda-roupa”. Por exigência do contrato, a equipe também programava espetáculos para menores, chegando a cumprir, aos domingos, três sessões. Para adultos, fez ainda *Festa do Samba* e, por fim, *Boas Festas Pra Vocês*, com cortinas dedicadas ao Natal e ao Ano Bom. Este último trabalho foi pessimamente recebido pela crítica teatral.

Considerando-o um vexame à família pernambucana, Adeth Leite não salvou nada do espetáculo em registro para o *Diario de Pernambuco* (22 dez. 1957, p. 22): “É chocante o que se está contemplando com essa insossa *Boas Festas Pra Vocês*, [...] cheia de cortinas com sentido dúbio, descendo à imoralidade. É récita exclusivamente para o sexo masculino de ‘sólida formação moral’. E não se diga que somos puritanos”. Após tão desastrosa recepção, Colé mudou o cartaz para *É Bafo de Onça*, proposta que ganhou elogios por trazer malícia, mas sem apelar para a pornografia.

Ainda assim, o crítico/cronista teatral Valdemar de Oliveira, quase sempre avesso às revistas apresentadas na Festa da Mocidade, começou o ano de 1958 deixando clara sua insatisfação por Recife apreciar espetáculos de tão baixo nível. E mais ainda: pela crítica jornalística dar espaço a artistas que, ao seu ver, tinham qualidade bem discutível, destacando pormenores irrelevantes principalmente das vedetes. Mas indiferente a isso, Colé e Sua Cia. de Revistas lançou *Brotos em 3-D*, trabalho que ganhou apreciação crítica de Medeiros Cavalcanti, certamente um dos jornalistas a quem Valdemar de Oliveira reclamava por tamanha atenção dada ao que se via na programação do Parque 13 de Maio.

Para aquele cronista, mesmo divulgada como a melhor revista entre as encenadas por Colé até ali, o espetáculo não fluiu no palco, com muitas “interrupções, confusões lá dentro, indecisões, pausas que enervaram o público”, segundo lembrou no *Jornal do Commercio* (CAVALCANTI, 9 jan. 1958, p. 6). Outro que também emitiu opinião sobre *Brotos em 3-D* foi Adeth Leite: “Acreditamos que, bem ensaiada, a revista possa obter o resultado artístico desejado. Como está, com as falhas naturais da estreia, não convence. [No entanto,] Não há



nela, a rigor, imoralidade. Nas revistas são permitidas certas concessões próprias ao gênero”, ponderou no *Diario de Pernambuco* (LEITE, 5 jan. 1958, p. 21).

No dia 10 de janeiro de 1958 foi a vez de Colé lançar *Folias de 1958*, “monumental revista pernambucana” de Walter de Oliveira, com participação da Escola de Samba São Jorge, “além de uma série de piadas e críticas a coisas e pessoas do Recife, dentro do mais fino sabor do humorismo”, lembrou cronicamente Adeth Leite no *Diario de Pernambuco* (10 jan. 1958, p. 6), a exemplo de uma sátira aos candidatos ao Governo do Estado. Logo depois, ele elogiou a proposta do maestro Benedito Camargo, na orquestração e condução dos músicos; e de Walter de Oliveira, que concebeu a montagem como uma espécie de primeiro grito do carnaval pernambucano daquele ano, “que recomenda o seu autor [...] como um autêntico revisteiro (e o termo), principalmente pelo sentido local que dá sempre aos seus trabalhos” (LEITE, *Diario de Pernambuco*, 12 jan. 1958, p. 23).

5. Produção local

Na noite de 31 de janeiro de 1958 estreou no Teatro de Santa Isabel, a mais importante e elitista casa de espetáculos do Recife, a revista carnavalesca *O Buraco de Otília*, realização da Companhia Portátil de Revistas Valença Filho, reunindo 60 artistas profissionais do meio local, entre atores, vedetes, coristas, dançarinos populares, cantores e orquestra. Inicialmente enfrentando a resistência de jornalistas contrários à ocupação daquele gênero de teatro musicado, cômico e popular em palco tão imponente, a revista *O Buraco de Otília* – cujo título, de inegável sabor picante à primeira vista, prestava homenagem a um famoso restaurante regional – transformou-se num verdadeiro sucesso da história revisteira pernambucana, completando quase dois meses em cartaz (muito para a época), com elogios até de seus detratores e dando o pontapé para outras produções da equipe. Sem dúvida, a programação da Festa da Mocidade tinha lhe servido de estímulo.

Com texto do próprio Valença Filho, em parceria com o dramaturgo Luiz Maranhão Filho, *O Buraco de Otília* contava com 14 quadros, incluindo um esquete dramático, além de prólogo e apoteose, tendo o ator paraense Lúcio Mauro, já radicado há anos no Recife, à frente da direção geral do espetáculo. Valdemar de Oliveira rendeu-se, em parte, ao sucesso de *O Buraco de Otília*, reiteradamente chamada por ele de “revistinha” – diminutivo que já expressa um juízo de valor –, sem deixar de salientar que o Teatro de Santa Isabel não era



palco para revistas. Independente desta sua posição, ele lembrou que Valença Filho havia cumprido com o prometido, oferecendo “um espetáculo honesto, quase limpo, cena a cena demonstrando um esforço bem intencionado”, isto porque soube cercar-se de alguns bons elementos disponíveis no meio teatral profissional recifense, além de ter investido “boa soma na montagem e no desempenho” (W. [Valdemar de Oliveira], 4 fev. 1958, p. 6).

Lançando a Companhia Portátil de Revistas Valença Filho em 1957, o artista-empresário começou por produzir as revistas *Tem Brotos na Praça*, *A Coisa*, *Agora Vai* e *Cine-Show-Revista*, trabalhos que foram levados ao Norte do país, a Santos (SP) e a cineteatros dos subúrbios recifenses. Mas foi com *O Buraco de Otília* que ele deslanchou. Suas realizações a partir de então, *A Fofoca do Brasilino* e *Ou Vai... Ou Rachal!*, não tiveram a mesma receptividade do público e foram apontadas negativamente pela crítica recifense por terem-se rendido às imoralidades, algo bem mais presente na cena carioca, segundo o pesquisador Delson Antunes (2004, p. 133): “A sutileza, a malícia e o duplo sentido eram, gradativamente, substituídos pela licenciosidade verbal”. Não foi diferente no Recife. Voltando à programação da Festa da Mocidade, na sua 22ª edição, em novembro de 1958, agora dita como “Inteira e Renovada”, a Companhia de Revistas Gracinda Freire pôde ser novamente contratada para sessões no Teatro Almare.

Reunindo 30 integrantes empresariados por Luiz Iglesias, com direção orquestral do maestro Kalua, os intérpretes de maior destaque eram a dupla Valdir Maia e Gracinda Freire, além dos comediantes Palmeirim Silva e Armando Ferreira. O lançamento se deu com a reexibição da revista *Quem Comeu Foi Pai Adão*. Adeth Leite listou os fatores do “quase fracasso” da estreia: “ausência de comicidade, falta de luz e entrosamento”. E ainda alertou no mesmo *Diário de Pernambuco* (2 dez. 1958, p. 26): “Na província, também se sabe distinguir o gato da lebre e separar o joio do trigo”. Ainda no domingo 30 de novembro de 1958 aconteceu uma Grande Matiné Infantil da festividade, com a equipe carioca em espetáculo especial à meninada, às 16 horas, além das sessões para adultos às 20 e 22 horas.

Diante da péssima repercussão daquele primeiro trabalho adulto, o empresário Luiz Iglesias trouxe novos valores ao elenco, e resolveu lançar como segundo espetáculo da temporada *Me dá um Cheirinho só!*. Mesmo assim, Medeiros Cavalcanti não deu trégua à equipe: “Quanto à revista, é fraca e perniciosa. Não reconheci o snr. Palmeirim [Silva], perdido no meio daquelas vulgaridades, no grande cômico que sabe ser” (M. C., *Jornal do Commercio*, 19 dez. 1958, p. 14). Adeth Leite, por sua vez, recomendou no *Diário de Pernambuco* (13 dez.



1958, p. 16): “Há humor e boa música, bom guarda-roupa, luz e boas mulheres. Que mais falta para a composição de uma revista?”.

A seguir, *Cabecinha no Ombro* surgiu como a terceira e última proposta da equipe revisteira em curta e mal falada temporada no Recife. Até que a XXII Festa da Mocidade anunciou que Zeloni e Sua Companhia de Revistas, vindo de uma temporada de cinco meses em São Paulo, seria a próxima atração contratada, com *Elas só Usam Baby-Doll*, original que mesmo cobrando 80 cruzeiros já estreou com sucesso e completou 24 sessões lotadas, diariamente às 20 e 22 horas, sendo que, às vezes, aconteciam até quatro récitas, também à meia-noite e duas da manhã. Valdemar de Oliveira tratou da obra:

*O que parecia extremamente difícil para a mentalidade dos fazedores de revistas teatrais no Brasil, Zeloni fez: concatenar, com habilidade, uma série de quadros que fogem ao ritmo batido do gênero [...]. Zeloni é um dos cômicos mais pessoais e, também, mais hábeis que tenho conhecido. [...] Atuando em cena, sente-se que Zeloni é quem conduz o espetáculo, e tudo aquilo é obra dele (W. [Valdemar de Oliveira], *Jornal do Commercio*, 3 jan. 1959, p. 6).*

No Teatro Almare, Zeloni, à frente de sua companhia de revistas, emendou outras produções elogiadas, *Arrasta a Sandália* e *Máscaras... e Nada Mais!*, graças às parcerias com o maestro Enzo Barille e os bailarinos Luciano e Aládia. Mas se a turma saiu do Recife marcando êxito no gênero do teatro de revista – tão em alta naquele início de 1959 na capital pernambucana –, seu empresário deixou péssima impressão no cronista J. M. M. (José Maria Marques), que afirmou no *Jornal do Commercio* (14 fev. 1959, p. 15): “Há muito que o Recife não recebia a visita de um artista profissional tão deselegante quanto à má-educação como o snr. Zeloni”.

Finalmente, no dia 13 de novembro de 1959 foi inaugurada a XXIII Festa da Mocidade, com ingressos a 10 cruzeiros e novos entretenimentos. Com o Teatro Almare “reformulado” – nem de todo pronto e equipado, pois houve denúncia da inconclusão das obras –, a Cia. de Revistas Silva Filho, do Rio de Janeiro, estreou a luxuosa revista *Rumo a Brasília*. Para Medeiros Cavalcanti, que desbancou a montagem no *Jornal do Commercio* (17 nov. 1959, p. 6), o resultado não agradou a ninguém: “É uma revista indecente, mal escrita, levada sem vivacidade, com guarda-roupa medíocre e roteiro musical inexpressivo. [...] é apenas o velho e rebatido Frankenstein de esquetes de tremendo mau gosto”.

A partir do dia 2 de dezembro de 1959, Silva Filho passou a apresentar *Tem Treco no Caracaxá*, revista pernambucana de Walter de Oliveira (para lamentações do seu irmão, Valdemar de Oliveira), Silva Filho e Nelson Ferreira. A montagem prometia sátiras políticas – houve intervenção de um funcionário da Secretaria de Segurança Pública para excluir um



trecho –, cortinas cômicas e músicas para o carnaval de 1960 e ficou bem em cartaz, com até três sessões seguidas na sua despedida. Já a 18 de dezembro de 1959, saindo pela primeira vez do eixo Rio-São Paulo para visitar outra capital do Brasil, estava programada a estreia da aguardada Companhia de Revistas Walter Pinto, com ingressos salgados que variavam de 250 a 80 cruzeiros.

6. Luxo

A afamada equipe – que havia pedido uma garantia orçada em 2 milhões e 500 mil cruzeiros para vir ao Recife – estreou com *Tem Bububú no Bobobó* (a revista dos milhões), destacando os artistas Virgínia Lane, Walter D’Ávila, José Vasconcelos, além de cinquenta vedetes, incluindo garotas argentinas e francesas. Paulo Celestino era o ensaiador. Duas novidades podiam ser vistas no palco: o uso de um órgão elétrico na orquestra e uma cascata de espuma em cena aberta. Valdemar de Oliveira, apontando o desdém que Walter Pinto tinha pelo público pernambucano, porque ainda não demonstrara interesse em aportar nesta terra, não se deixou impressionar pela grandiosidade do espetáculo, nem sua nudez:

*A fórmula de Walter Pinto é conhecida: luxo, espetaculosidade, nu; Arte, pouca; pornofonia, dose carregada. [...] Da mistura, resulta sempre uma festa para os olhos, embora não sempre uma festa para os ouvidos. [...] Os seios à mostra garantem um bocado da bilheteria [...]. A parte cômica é defendida segundo os velhos moldes, sem maior relevo, mesmo porque extremamente mecanizada. Apesar de tudo, inclusive sem uma boa vedete, a revista agrada aos menos exigentes. Tirante os quadros cômicos, é um “espetáculo” digno de ser visto. E isso devemos ao “peito” dos que fazem a Festa da Mocidade. Walter Pinto sempre nos olhou com desdém. Está vendo que o Recife é praça teatral respeitável. Não deve tê-lo decepcionado (W. [Valdemar de Oliveira], *Jornal do Commercio*, 30 dez. 1959, p. 15).*

Escrevendo várias crônicas dedicadas à revista *Tem Bububú no Bobobó*, Medeiros Cavalcanti mostrou-se mais entusiasmado pelo que chamou de verdadeiro “espetáculo”, ou seja, o que impressiona aos olhos, do que pelo texto apresentado pela equipe liderada pelo empresário Walter Pinto. “Sente-se o desejo de impressionar. Luzes, efeitos especiais, mulheres deslumbrantes, seios desnudos, excelente orquestra (abafando, porém irremediavelmente, as vozes do prólogo), [...] a irrupção mágica dos Golden Boys fez esquecer qualquer defeito”, foi sua análise no *Jornal do Commercio* (23 dez. 1959, p. 6). O exuberante espetáculo permaneceu em cartaz até 10 de janeiro de 1960, sendo substituído por *É de Xurupito*, ambos com ótimo retorno de bilheteria, tanto que J. P. (Joel Pontes)



afirmou no *Diário de Pernambuco* (23 jan. 1960, p. 3): “A bilheteria funcionou lindamente, dando lucro a contratantes e contratado; o público se divertiu bem e os espetáculos agradaram”.

Em fevereiro de 1960, quem veio para a Festa da Mocidade foi a Cia. de Revistas Zilco Ribeiro, também do Rio de Janeiro, com sessões diárias às 20 e 22 horas, tendo boa resposta de público com a revista *Você Falou... Tá Falado!*, dirigida pela artista portuguesa radicada no Brasil, Esther Leão, e tendo no elenco Consuelo Leandro, Ruy Cavalcanti e Norbert Nardone, entre outros. Na sequência, com a XXIV Festa da Mocidade acontecendo desde 19 de novembro de 1960, a carioca Companhia Luciano Luciani pôde mostrar no Teatro Almare comédias musicadas como *Fogo na Barba* e o “*divertissement*” *Festival em Tecnicolor*, tendo uma orquestra de 20 professores de música regida pelo maestro Nelson Ferreira. No elenco, Agildo Ribeiro entre os artistas, além de cantores, bailarinos e também manequins em desfile, as “Luciano-Beauties”. A equipe foi saudada por promover espetáculos limpos, sem recorrer às licenciosidades para agradar.

Saltando um pouco no tempo, do final de 1962 a início de 1963, quem reinou absoluto na Festa da Mocidade foi novamente Colé e Sua Cia. de Revistas, com produções revisteiras como *Pelés & Peladas*, *Todas Elas São Barbadas* e *Carnaval Naquela Base!*, sem chamar tanta atenção da crítica teatral. Em setembro de 1963, a Casa do Estudante de Pernambuco abriu edital de concorrência para exploração do parque de diversões a ser instalado no recinto da XXVII Festa da Mocidade, que seria transferida para o Parque Amorim, mas acabou ocupando a rua da Aurora, às margens do Rio Capibaribe. Ganhou a competição pública o Brady’s Coney Island, com brinquedos como montanha russa, ciclone, *sputinik* e carrossel, sendo o evento divulgado na imprensa não só pelo seu novo parque de diversões, mas também pelo novo local, novas instalações e até novo teatro.

O cronista P., na coluna *Coisas da Cidade*, no *Diário de Pernambuco* (12 nov. 1963, p. 10), apontou que “Necessário tornou-se a transferência daquele Parque, mesmo porque nunca parque público serviu para festas populares do gênero explorado pelos estudantes, se é que os estudantes, os estudantes pobres, continuam associados à sua realização”. Contratada do Rio de Janeiro, a Cia. de Revistas Dedé Santana inaugurou aquela programação a 6 de dezembro de 1963, com a revista *A Panela tá Fervendo*, fazendo críticas bem-humoradas à sucessão presidencial. No palco, modelos, vedetes e comediantes, além de “show-girls”. A orquestra era conduzida por Haroldo de Oliveira. O espetáculo teve até interdição de um



quadro de nu artístico da louríssima Lú pelo Juizado de Menores, mas o retorno de público já não foi o mesmo, provavelmente pela mudança de local da Festa.

7. Antro de perdição

O inegável é que, nos seus estertores finais, o evento já mantinha uma fama nada agradável, não só pela degradação em que se encontrava o Parque 13 de Maio após tanto tempo de uso, há anos esquecido pelo Governo para sua manutenção, mas também pelos crimes que ali ocorriam, até com mortes de contratados temporários da festividade. Isto sem falar na jogatina que corria solta, às escondidas, especialmente nos fundos da mesma. “A festa era a fachada para esconder a ilegalidade”, denunciou José Severino Tavares em artigo no *Diário de Pernambuco* (19 mar. 1969, p. 4). Mesmo proibidos, jogos como do bicho, bingo, bacará, bozó e roleta aconteciam por lá. Somente a 27 de novembro de 1966 o evento acadêmico retornou para o Parque 13 de Maio em comemoração pelos seus 30 anos de existência ininterrupta.

Divulgada como a festa dos namorados, da juventude, da garotada, da família e do povo recifense, a XXX Festa da Mocidade voltou a contar com inúmeras atrações, a exemplo do seu Teatro de Variedades ao ar livre, que trouxe espetáculos inéditos como as revistas musicais *Brasil-66*, apresentando cantores, comediantes, 10 *girls* e o mágico Dan Marlin; além de *O Cabeludo Careca* e *67! Brasa Alegre... Mora?*, todas sob o comando do ator-empresário teatral pernambucano Dempsey Leite. Outro destaque da época foi o Festival de Iê Iê Iê, no Pavilhão de Festas, com os conjuntos musicais Cabeludo e Minissaias, Os Gatos, Os Victors e Silver Jets.

No entanto, é bem provável que o apelo feito constantemente na imprensa, não só por jornalistas, mas também por leitores que escreviam cartas à redação, tenha influenciado o Poder Público para proibir de vez que a Festa da Mocidade continuasse a ocupar o Parque 13 de Maio, com muitos alegando que assim ele se deteriorava ainda mais. E a proibição foi instituída oficialmente. Em setembro de 1967, a Casa do Estudante de Pernambuco abriu edital público para selecionar empresa interessada em explorar comercialmente sua festividade, que teve que deslocar-se para um novo lugar, em frente ao Sport Clube do Recife, no bairro da Madalena, com resposta de público ainda pior.



Segundo o crítico/cronista teatral Adeth Leite, em depoimento ao *Diário de Pernambuco* (1 set. 1968, p. 19): “Está provado que o certame organizado anualmente pela Casa do Estudante de Pernambuco não pode mudar de local. Para isso, veja-se o desastre que foi a XXXI Festa da Mocidade, instalada na Madalena”. Ao início do ano de 1968, rebatizada mais uma vez de “Nova Festa da Mocidade”, o evento divulgou um grandioso show sobre o gelo, intitulado *Symphonie on Ice*, com presença de um sócio do personagem Carlitos, além de bailarinas, acrobatas e comédicos, tudo numa realização da Alfa Empreendimentos S/A, mas o público parecia ter perdido o interesse. E aquela festividade popular, que sem falsa modéstia propagava ser a maior do Brasil, teve um fim melancólico.

Pouco tempo após sua extinção, houve até quem a maldissesse, como o colunista social João Alberto que, ao lamentar sobre o abandono do Parque 13 de Maio, publicou a seguinte constatação no Suplemento Social do *Diário de Pernambuco* (7 dez. 1969, p. 16): “Depois da aberração que durou tantos anos, com a Festa da Mocidade ocupando-o durante todo o fim do ano, o logradouro acabou por transformar-se num antro de maconheiros e vagabundos. Para que se comprove isso, basta ler as colunas policiais”. Independente de certa derrocada final, a Festa da Mocidade também viveu ali dias de glórias nos seus 31 anos de resistência. Se causou repulsa em certa parte da sociedade recifense por tanta liberalidade, especialmente nas revistas apresentadas, por outra foi entusiasticamente prestigiada como pólo aglutinador das diferenças que renovavam a vida cultural pernambucana, o riso e a alegria do povo em parque público.

Reino da cultura popular por excelência, durante toda a sua trajetória esteve intrinsicamente ligada à concepção carnavalesca do mundo (BAKHTIN, 1987) ao abrir espaço para que tão diversificada programação, anual e sempre renovada, pudesse ridicularizar, parodiar e subverter a seriedade dos poderes instituídos, sem pudor de atingir até mesmo o limiar da imoralidade. Claro que por romper hierarquias culturais estabelecidas e produzir o efeito ilusório de oportunidades iguais, sem exclusões, a Festa da Mocidade chegou a ser encarada como uma espécie de ilha da fantasia onde quase tudo era permitido. E com o seu desaparecimento, a vida teatral do Recife, que podia por ela acompanhar um segmento do teatro de costumes popular, musicado e ligeiro, indecente ou não, nunca mais foi a mesma. Perdeu assim, inegavelmente, certo espelho do próprio cotidiano.



Referências

- ALBERTO, João. Conversa. **Suplemento Social do Diário de Pernambuco**. Recife, 7 dez. 1969. p. 16.
- ANTUNES, Delson. **Fora do Sério** – Um panorama do teatro de revista no Brasil. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1987.
- CAVALCANTI, Medeiros. “Chez Copacabana” – I. **Jornal do Commercio**. Recife, 5 dez. 1956. Teatro. p. 6.
- CAVALCANTI, Medeiros. Licenciosidade em revistas. **Diário da Noite**. Recife, 2 jan. 1957. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- CAVALCANTI, Medeiros. “Folias de 56 – II”. **Jornal do Commercio**. Recife, 15 jan. 1957. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- CAVALCANTI, Medeiros. “Está em Todas” – I. **Jornal do Commercio**. Recife, 10 fev. 1957. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- CAVALCANTI, Medeiros. Brotos em 3-D. **Jornal do Commercio**. Recife, 9 jan. 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- CAVALCANTI, Medeiros. Notícias. **Jornal do Commercio**. Recife, 17 nov. 1959. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- CAVALCANTI, Medeiros. “Tem Bububu no Bobobó” – I. **Jornal do Commercio**. Recife, 23 dez. 1959. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- ETAPA cumprida. **Diário de Pernambuco**. Recife, 1 jan. 1963. Segundo Caderno/dentro-Ribalta-fora. p. 3.
- FESTA da Mocidade. **Folha da Manhã**. Recife, 4 jan. 1945. p. 9.
- GONDIM FILHO, Isaac. 1950 teatral/I – Companhais profissionais. **Jornal do Commercio**. Recife, 28 dez. 1950. De Teatro. p. 4.
- GONDIM FILHO, Isaac. Revistas. **Diário de Pernambuco**. Recife, 29 nov. 1952. Teatro. p. 6.
- GONDIM FILHO, Isaac. Temporada de Revistas. **Diário de Pernambuco**. Recife, 25 dez. 1952. Teatro. p. 6.
- J. M. M. [José Maria Marques]. Nova temporada de revistas/Bastidores. **Jornal do Commercio**. Recife, 14 fev. 1959. Artes e Artistas/Teatro. p. 15.



- J. P. [Joel Pontes]. Fica até o fim do mês. **Diario de Pernambuco**. Recife, 23 jan. 1960. 2º Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- LEITE, Adete (sic). “Nonô Vai na Raça”. **Jornal Pequeno**. Recife, 22 dez. 1956. p. 5.
- LEITE, Adeth. “Gostei Demais”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 1 dez. 1957. Espetáculos. p. 23.
- LEITE, Adeth. “Gente Bem e Champanhota”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 8 dez. 1957. Espetáculos. p. 23.
- LEITE, Adeth. “A Coisa Agora Vai”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 22 dez. 1957. Espetáculos. p. 22.
- LEITE, Adeth. “Brotos em 3-D”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 5 jan. 1958. Espetáculos. p. 21.
- LEITE, Adeth. “Folias de 1958”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 10 jan. 1958. Espetáculos. p. 6.
- LEITE, Adeth. “Folias de 1958”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 12 jan. 1958. Espetáculos. p. 23.
- LEITE, Adeth. “Quem Comeu Foi Pai Adão”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 2 dez. 1958. Espetáculos. p. 26.
- LEITE, Adeth. “Me dá um Cheirinho só”... **Diario de Pernambuco**. Recife, 13 dez. 1958. Espetáculos. p. 16.
- LEITE, Adeth. Festa da Mocidade. **Diario de Pernambuco**. Recife, 1 set. 1968. Primeiro Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 19.
- M. C. [Medeiros Cavalcanti]. Festa da Mocidade. **Jornal do Commercio**. Recife, 19 dez. 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 14.
- P. Aproveitamento de aterro. **Diario de Pernambuco**. Recife, 12 nov. 1963. Segundo Caderno/Coisas da Cidade. p. 10.
- PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. **Viva o Rebolado!: vida e morte do teatro de revista brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- PERMANÊNCIA de menores na Festa da Mocidade. **Folha da Manhã**. Recife, 23 nov. 1955. Os Espetáculos-As Artes. p. 11.
- TAVARES, José Severino. “Bicho” e “bingo”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 19 mar. 1969. Primeiro Caderno/Cartas à Direção. p. 4.



W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 3 jan. 1958. Artes e Artistas. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. “A propósito...”. **Jornal do Commercio**. Recife, 4 fev. 1958. Artes e Artistas. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 30 dez. 1959. Artes e Artistas. p. 15.

*Recebido em 07 de dezembro de 2020
Aceito em 05 de maio de 2021*

